

quem teme a morte

nnedi okorafor

Tradução de Teresa Martins Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Ao meu fabuloso pai,
Dr. Godwin Sunday Daniel Okorafor, M. D.,
F. A. C. S.¹ (1940-2004).*



¹ *Fellow of the American College of Surgeons* (Membro do Colégio Americano de Cirurgiões). (N. da T.)

«Caros amigos, tendes medo da morte?»

— Patrice Lumumba, primeiro e único eleito
primeiro-ministro da República do Congo



PRIMEIRA
PARTE

DEVINDO



CAPÍTULO 1

O ROSTO DO MEU PAI



A MINHA VIDA DESMORONOU-SE TINHA EU DEZASSEIS ANOS. O Papá morreu. Tinha um coração tão forte, e contudo morreu. Seria do calor e fumo da sua oficina de ferreiro? É verdade que nada o demovia do seu trabalho, da sua arte. Adorava fazer o metal vergar, obedecer-lhe. Mas o seu trabalho apenas parecia fortalecê-lo; era tão feliz na sua oficina. O que foi então que o matou? Até hoje não estou certa. Espero que nada tenha tido que ver comigo ou com o que fiz então.

Imediatamente após a sua morte, a minha mãe saiu a correr do quarto deles soluçando e atirando-se contra a parede. Soube então que eu seria diferente. Soube nesse momento que jamais voltaria a ser capaz de controlar inteiramente o fogo dentro de mim. Tornei-me uma criatura diferente nesse dia, não tão humana. Tudo o que aconteceu mais tarde, entendo-o agora, começou então.

A cerimónia teve lugar nos arredores da cidade, junto às dunas de areia. Era o pico do dia e fazia um calor horrível. O seu corpo jazia num grosso pano branco, rodeado por uma coroa de folhas de palmeira. Ali me ajoelhei na areia junto ao seu corpo, dizendo o meu último adeus. Jamais esquecerei o seu rosto. Já não parecia o Papá. A pele do Papá era castanha-escura, os seus lábios eram cheios. Este rosto tinha faces encovadas, lábios murchos e pele semelhante a papel pardo. O espírito do Papá fora-se para outro lado.

Sentia um formigueiro na nuca. O meu véu branco era fraca proteção de olhares ignorantes e temerosos. Por essa altura, toda a gente estava *sempre* a observar-me. Cerrei o maxilar. À minha volta, mulheres de joelhos choravam e lamentavam-se. O Papá era muito querido, não obstante o

facto de ter casado com a minha mãe, uma mulher com uma filha como eu — uma filha *Ewu*. Isso fora há muito desculpado como um desses erros que até os maiores dos homens podem cometer. Por sobre os lamentos, ouvia o suave soluçar da minha mãe. *Ela é que sofrera a maior perda.*

Era a sua vez de ter o seu último momento. A seguir, levá-lo-iam para ser cremado. Olhei o seu rosto, uma última vez. *Nunca mais te verei*, pensei. Não estava preparada. Pestanejei e toquei o peito. Foi então que aconteceu... quando toquei o meu peito. Primeiro, senti como que um ardor e comichão. Rapidamente alastrou para algo maior.

Quanto mais tentava levantar-me, mais intenso se tornava e mais o meu desgosto aumentava. *Não podem levá-lo*, pensei freneticamente. *Ainda há tanto metal na sua oficina. Ele não acabou o seu trabalho!* A sensação alastrou-se pelo peito e irradiou para o resto do corpo. Rodei os ombros para a conter. Então comecei a congregá-la das pessoas à minha volta. Estremeci e rangi os dentes. Estava a encher-me de raiva. *Oh, aqui não!*, pensei. *Não no funeral do Papá!* A vida não me deixava em paz o tempo bastante nem para fazer o luto do meu pai morto.

Atrás de mim, os lamentos cessaram. Nada mais ouvia que a suave brisa. Era por demais sobrenatural. Havia algo debaixo de mim, no solo, ou talvez noutro lado. Subitamente, fui massacrada com as emoções dolorosas que todos à minha volta tinham pelo Papá.

Instintivamente, pousei a mão no seu braço. As pessoas desataram a gritar. Não me virei. Estava demasiado concentrada no que tinha de fazer. Ninguém tentou afastar-me. Ninguém me tocou. O tio da minha amiga Luyu foi certa vez atingido por um raio durante uma das raras tempestades Ungwa da estação seca. Sobreviveu mas não conseguia parar de falar como se sentira violentamente abalado de dentro para fora. Era isso que eu sentia agora.

Arquejei horrorizada. Não conseguia tirar a mão do braço do Papá. Estava *fundida* nele. A minha pele cor de areia fluía para dentro da sua pele pardacenta a partir da palma da minha mão. Um monte de carne misturada.

Desatei a gritar.

Os gritos entalaram-se-me na garganta e tossi. Então fitei-o. O peito do Papá movia-se lentamente para cima e para baixo, para cima e para baixo... ele estava a respirar! Senti-me simultaneamente repugnada e desesperadamente esperançosa. Inspirei fundo e gritei: «Vive, Papá! *Vive!*»

Um par de mãos apertou-me os pulsos. Sabia exatamente a quem pertenciam. Um dos dedos estava partido e ligado. Se não tirasse as mãos de cima de mim, atacá-lo-ia ainda com mais força do que fizera cinco dias antes.

— Onyesonwu — disse-me Aro ao ouvido, tirando rapidamente as mãos dos meus pulsos. Oh, como eu o odiava. Mas escutei-o. — Ele foi-se — disse ele. — *Deixa ir*, para que todos nos possamos libertar.

De algum modo... deixei. Deixei ir o Papá.

Tudo caiu de novo num silêncio mortal.

Como se o mundo, por um momento, se submergisse de água.

Então o poder que se acumulara dentro de mim irrompeu. O meu véu foi-me arrancado da cabeça e as minhas tranças libertas lançaram-se fustigantes para trás. Tudo e todos foram atirados para trás — Aro, a minha mãe, família, amigos, conhecidos, estranhos, a mesa com comida, os cinquenta inhames, os treze grandes frutos de embondeiro, as cinco vacas, as dez cabras, as trinta galinhas, e um monte de areia. Lá atrás na cidade a energia foi-se abaixo durante trinta segundos; as casas teriam de ser varridas de areia e os computadores teriam de ser levados para arranjar devido à poeira.

De novo, o mesmo silêncio como que debaixo de água.

Baixei os olhos para a minha mão. Quando tentei removê-la do braço frio, inerte, morto do meu pai, ouviu-se um som de descamação, como de cola fraca a lascar. A minha mão deixou um contorno de muco seco no braço do Papá. Esfreguei os dedos uns nos outros. Mais porcaria se soltou e descamou de entre eles. Lancei um olhar mais ao Papá. Então tombei para o lado e perdi os sentidos.

Isto foi há quatro anos. Agora olha para mim. As pessoas aqui sabem que fui eu a causadora de tudo. Querem ver o meu sangue, querem fazer-me sofrer, e depois querem matar-me. Aconteça o que acontecer depois disto... deixa-me parar.

Esta noite queres saber como cheguei a ser o que sou. Queres saber como cheguei aqui... É uma longa história. Mas eu contar-ta-ei... eu contar-ta-ei. És tolo se acreditares no que os outros dizem de mim. Contar-te-ei a minha história para impedir todas essas mentiras. Graças sejam dadas, até a minha longa história caberá nesse teu portátil.

Tenho dois dias. Espero que seja tempo suficiente. Tudo me cairá em cima não tarda.

A minha mãe nomeou-me Onyesonwu. Significa «Quem teme a morte?» Nomeou-me bem. Nasci há vinte anos, durante tempos conturbados. Ironicamente cresci longe de toda a matança...

CAPÍTULO 2

PAPÁ



SÓ DE OLHAR PARA MIM, toda a gente pode ver que sou filha de uma violação. Mas quando o Papá me viu pela primeira vez, viu para lá disto. Ele foi a única pessoa além da minha mãe que posso dizer que me amou à primeira vista. Isso foi em parte porque me foi tão difícil deixá-lo ir quando morreu.

Fui eu que escolhi o meu Papá para a minha mãe. Tinha nessa época seis anos.

A minha mãe e eu chegámos recentemente a Jwahir. Antes disso, éramos nómadas do deserto. Um dia, quando vagueávamos pelo deserto, ela parou, como que ouvindo outra voz. Era muitas vezes assim estranha, parecendo conversar com alguém que não eu. Então disse: «Está na altura de ires para a escola.» Eu era demasiado nova para entender as suas verdadeiras razões. Era muito feliz no deserto, mas depois de chegarmos à cidade de Jwahir, o mercado depressa se tornou o meu parque de brincadeiras.

Nesses primeiros dias, para ganhar rapidamente algum dinheiro, a minha mãe vendeu a maior parte de cato cristalizado que tinha. O cato cristalizado valia mais que dinheiro em Jwahir. Era uma iguaria deliciosa. A minha mãe aprendera sozinha a cultivá-lo. Deve ter tido sempre a intenção de regressar à civilização.

Ao longo das semanas, plantou os enxertos de cato que cultivara e montou uma banca. Eu ajudava o melhor que podia. Carregava e dispunha as coisas e chamava clientes. Em troca, ela dava-me uma hora de liberdade por dia para vaguear. No deserto, nos dias limpos, aventurava-me até mais de quilómetro e meio de distância da minha mãe. Nunca me perdi. Por isso

o mercado era pequeno para mim. Todavia, havia tanta coisa que ver e o potencial para sarilhos espreitava ao dobrar de cada esquina.

Eu era uma criança feliz. As pessoas sugavam os dentes, resmungavam e desviavam os olhos quando eu passava. Mas eu não me ralava. Havia galinhas e crias de raposa a perseguir, outras crianças a fulminar com o olhar, discussões a que assistir. A areia do chão estava por vezes molhada com leite de camelo derramado; outras vezes estava oleosa e fragrante de frascos transbordantes de óleo perfumado misturado com cinzas de incenso e frequentemente agarradas a excrementos de camelo, vaca ou raposa. A areia aqui era tão afetada, ao passo que no deserto era intocada.

Estávamos em Jwahir apenas há uns meses quando encontrei o Papá. Esse dia fatídico estava quente e soalheiro. Quando deixei a minha mãe, levei um copo de água comigo. O meu primeiro impulso foi ir até à estrutura mais estranha de Jwahir: a Casa de Osugbo. Algo me atraiu sempre para esse grande edifício quadrado. Decorado com formas e símbolos singulares, era o edifício mais alto de Jwahir e o único feito inteiramente de pedra.

«Um dia entrarei ali», disse, especada a olhar para ele. «Mas não hoje.»

Aventurei-me para lá do mercado para uma zona que não explorara. Uma loja de eletrónica vendia feios computadores restaurados. Eram pequenas coisas pretas e cinzentas com placas-mãe à mostra e invólucros rachados. Perguntei-me se se sentiriam tão feios como pareciam. Nunca tocara num computador. Estendi o braço para tocar num.

— *Ta!* — disse o dono de trás do balcão. — Não toques!

Beberiquei a água e avancei.

As minhas pernas acabaram por me levar a uma gruta cheia de fogo e ruído. O edifício de adobe branco era aberto à frente. O compartimento lá dentro era escuro com uma ocasional explosão de luz de fogo. Um calor mais abrasador que a brisa saía flutuando, qual bafo da boca aberta de um monstro. Na parte da frente do edifício um grande cartaz dizia:

FERRARIA OGUNDIMU — FORMIGAS BRANCAS

NÃO DEVORAM NUNCA BRONZE, VERMES NÃO COMEM FERRO.

Semicerrei os olhos, divisando um homem alto e musculoso lá dentro. A sua reluzente pele negra estava tisonada de fuligem. *Como um dos heróis do Grande Livro*, pensei. Usava luvas tecidas de finos fios de metal e uns grandes óculos pretos firmemente presos ao rosto. As suas narinas estavam dilatadas enquanto

batia o ferro com um grande martelo. Os seus enormes braços retesavam-se a cada golpe. Bem podia ter sido o filho de Ogun, a deusa do metal. Havia tanta alegria nos seus movimentos. *Mas parece ter tanta sede*, pensei. Imaginei a sua garganta a arder e cheia de cinzas. Ainda tinha o meu copo de água. Estava meio cheio. Entrei na oficina.

Ainda estava mais calor lá dentro. Contudo, eu crescera no deserto. Estava acostumada a calor e frio extremos. Observei cautelosamente as faíscas irromperem do metal que ele martelava. Então, o mais respeitosaamente possível, disse: — *Oga*, tenho água para si.

A minha voz sobressaltou-o. A visão de uma menina magricela, que era aquilo a que as pessoas chamavam *Ewu*, espedada na sua oficina ainda mais o sobressaltou. Puxou os óculos para cima. A área em redor dos olhos onde a fuligem não caíra era mais ou menos do castanho-escuro da tez da minha mãe. *Os brancos dos seus olhos são tão brancos para uma pessoa que fita o fogo o dia inteiro*, pensei.

— Criança, não devias estar aqui — disse ele. Recuei. A sua voz era ressonante. Cheia. Este homem podia falar no deserto que os animais a quilómetros de distância ouviriam.

— Não está assim tanto calor — disse eu. Estendi-lhe a água. — Tome. — Aproximei-me, muito consciente daquilo que eu era. Usava o vestido verde que a minha mãe me fizera. O material era leve mas cobria cada centímetro de mim, até aos tornozelos e pulsos. Ela ter-me-ia feito usar um véu sobre o rosto mas faltou-lhe ânimo.

Era singular. Acima de tudo, as pessoas rejeitavam-me porque eu era *Ewu*. Mas por vezes as mulheres aglomeravam-se à minha volta. «Mas a pele dela», diziam entre si, nunca diretamente a mim. «É tão macia e delicada. Quase parece leite de camelo.»

«E o cabelo é estranhamente crespo, como uma nuvem de erva seca.»

«Os olhos são como os de um gato do deserto.»

«Ani faz uma estranha beleza da fealdade.»

«Acaso venha a ser bonita quando passar o seu Décimo Primeiro Rito.»

«De que serve ela passá-lo? Ninguém casará com ela.» Risota.

No mercado, homens tinham tentado agarrar-me mas eu era sempre mais rápida e sabia arranhar. Aprendera com os gatos do deserto. Tudo isto confundia a minha mente de seis anos. Agora, ali diante do ferreiro, temi que ele achasse as minhas feias feições estranhamente deliciosas, também.

Ergui o copo para ele. Ele tomou-o e bebeu longa e sequiosamente, até à última gota. Eu era alta para a minha idade mas ele era alto para a dele.

Tive de inclinar a cabeça para trás para ver o sorriso no seu rosto. Soltou um grande suspiro de alívio e estendeu-me o copo de volta.

— Boa água — disse. Voltou à sua bigorna. — És demasiado alta e por demais ousada para seres um duende da água.

Sorri e disse: — O meu nome é Onyesonwu Ubaid. Qual é o seu, *Oga*?

— Fadil Ogundimu — disse ele. Olhou para as suas mãos enluvadas. — Dar-te-ia um aperto de mão, Onyesonwu, mas as minhas luvas estão a esquentar.

— Tudo bem, *Oga* — disse eu. — É um ferreiro!

Ele assentiu. — Tal como era o meu pai e o pai dele e o pai dele e por aí em diante.

— A minha mãe e eu apenas chegámos aqui há uns meses — deixei escapar da boca para fora. Lembrei-me de que estava a fazer-se tarde. — Oh. Tenho de ir, *Oga* Ogundimu!

— Obrigado pela água — disse ele. — Tinhas razão. Estava com sede.

Depois disso, visitava-o com frequência. Tornou-se o meu melhor e único amigo. Se a minha mãe tivesse sabido que eu me dava com um homem estranho, ter-me-ia batido e retirado o tempo de liberdade por semanas. O aprendiz de ferreiro, um homem chamado Ji, odiava-me e dava-mo a saber fungando de repulsa sempre que me via, como se eu fosse um animal selvagem doente.

— Ignora o Ji — disse o ferreiro. — É bom com o metal mas falta-lhe imaginação. Perdoa-lhe. É primitivo.

— O *Oga* acha que eu pareço maléfica? — perguntei.

— És adorável — disse ele sorrindo. — O modo como uma criança é concebida não é culpa nem fardo da criança.

Eu não sabia o que significava *concebida* e não perguntei. Ele chamara-me adorável e eu não queria que ele retirasse o que dissera. Graças fossem dadas, Ji vinha usualmente tarde, durante a parte mais fresca do dia.

Não tardou que estivesse a falar ao ferreiro da minha vida no deserto. Era demasiado nova para saber guardar assuntos tão delicados para mim. Não entendia que o meu passado, a minha própria existência, eram delicados. Por sua vez, ele ensinou-me umas coisas sobre o metal, como quais os tipos que mais facilmente vergavam ao calor e quais os que não.

— Como era a sua mulher? — perguntei um dia. Estava de facto a falar por falar. Estava mais interessada na pilha de pão que ele me comprara.

— Njeri. Era de pele negra — disse ele. Pôs ambas as mãos em torno de uma coxa. — E tinha pernas muito fortes. Era corredora de camelos.

Engoli o pão que mastigava. — A sério? — exclamei.

— As pessoas diziam que eram as pernas dela que a mantinham sobre os camelos mas eu bem sei. Tinha uma espécie de dom, também.

— Dom de quê? — perguntei, inclinando-me para diante. — Conseguia atravessar paredes? Voar? Comer vidro? Transformar-se num besouro?

O ferreiro riu-se. — Lês muito — disse.

— Li o Grande Livro duas vezes! — gabei-me.

— Impressionante — disse ele. — Bem, a minha Njeri era capaz de falar com camelos. Falar com camelos é ofício de homens, de maneira que escolheu corridas de camelos em vez disso. E Njeri não se limitava a correr. *Ganhava* corridas. Conhecemo-nos quando éramos adolescentes. Casámo-nos quando tínhamos vinte anos.

— Como soava a voz dela? — perguntei.

— Oh, a voz dela era exasperante e linda — disse ele.

Franzi o sobrolho, confusa.

— Era muito espalhafatosa — explicou ele, tirando-me um pedaço de pão. — Ria muito quando estava feliz e gritava muito quando estava exasperada. Estás a ver?

Assenti.

— Durante algum tempo fomos felizes — disse. Fez uma pausa.

Esprei que continuasse. Sabia que aí vinha a parte má. Como ele se limitasse a fitar o seu pedaço de pão, disse: — E então? O que aconteceu a seguir? Ela fez-lhe alguma coisa de mal?

Ele soltou uma risada e alegrei-me, embora tivesse feito a pergunta a sério. — Não, não — disse. — No dia em que ela correu a corrida mais rápida da sua vida, aconteceu uma coisa terrível. Devias ter visto, Onyesonwu. Eram as finais das Corridas da Festa das Chuvas. Ela já tinha vencido esta corrida antes, mas nesse dia esteve prestes a quebrar o recorde de sempre dos oitocentos metros mais rápidos.

Fez uma pausa. — Eu estava na linha da meta. Estávamos todos. O solo ainda estava escorregadio da forte chuva da noite anterior. Deveriam ter adiado a corrida para outro dia. O camelo dela aproximou-se, correndo com o seu passo cambado. Corria mais depressa do que algum camelo jamais correu. — Fechou os olhos. — Deu um passo em falso e... deu um trambolhão. — A voz faltou-lhe. — No fim, as pernas fortes de Njeri foram a sua perdição. Aguentaram-se firmes, e quando o camelo caiu, ela ficou esmagada sob o seu peso.

Arquejei, tapando a boca com as mãos.

— Houvesse ela trambolhado, teria vivido. Só estávamos casados há três meses. — Suspirou. — O camelo em que ela corria recusou-se a sair do seu lado. Ia para onde o seu corpo fosse. Dias após ela ser cremada, o camelo morreu de desgosto. Camelos por todo o lado cuspiram e roncaram durante semanas. — Calçou as luvas novamente e regressou à sua bigorna. A conversa acabara.

Os meses passaram. Continuei a visitá-lo de tantos em tantos dias. Sabia que estava a testar a minha sorte com a minha mãe. Mas acreditava que valia a pena correr o risco. Um dia, ele perguntou-me como me estava a correr o dia. — Bem — respondi. — Uma senhora estava a falar de si ontem. Disse que o *Oga* era o maior ferreiro de sempre e que alguém chamado Osugbo lhe paga bem. É o dono da Casa de Osugbo? Sempre quis lá entrar.

— Osugbo não é um homem — respondeu ele enquanto examinava uma peça de ferro forjado. — É o grupo de anciãos de Jwahir que mantêm a ordem, os nossos chefes de governo.

— Oh — disse eu, não sabendo nem me importando com o que significava a palavra *governo*.

— Como está a tua mãe? — perguntou ele.

— Está boa.

— Eu quero conhecê-la.

Sustive o fôlego, de cenho franzido. Se ela soubesse dele, eu apanharia a maior sova da minha vida e depois perderia o meu único amigo. *Para que quer ele conhecê-la?*, perguntei-me, sentindo-me de súbito extremamente possessiva da minha mãe. Mas como podia impedi-lo de conhecê-la? Mordido o lábio e disse muito relutantemente: — Está bem.

Para minha consternação, ele apareceu na nossa tenda nessa mesma noite. Ainda assim, estava impressionante nas suas longas e fluidas calças brancas e cafetã branco. Usava um véu branco sobre a cabeça. Vestir-se todo de branco era apresentar-se com grande humildade. Usualmente as mulheres faziam-no. Um homem fazê-lo era muito especial. Ele soube abordar a minha mãe com cuidado.

A princípio, a minha mãe ficou com medo e zangada com ele. Quando ele lhe contou da amizade que tinha comigo, ela bateu-me no rabo com tanta força que fugi a correr e chorei durante horas. Ainda assim, passado um mês, o Papá e a minha mãe estavam casados. No dia a seguir ao casamento, a minha mãe e eu mudámo-nos para casa dele. Tudo deveria ter sido perfeito depois disso. Foi bom durante cinco anos. Então começaram as coisas do outro mundo.

CAPÍTULO 3

CONVERSAÇÃO INTERROMPIDA



OPAPÁ ANCOROU-NOS À MINHA MÃE E A MIM A JWAHIR. Mas mesmo que tivesse vivido, eu teria acabado aqui ainda assim. Nunca estive destinada a *ficar* em Jwahir. Era demasiado volátil e outras coisas me moviam. Eu significava sarilhos desde o momento em que fui concebida. Era uma mancha negra. Um veneno. Apercebi-me disto quando tinha onze anos. Quando algo do outro mundo me aconteceu. O incidente forçou a minha mãe a finalmente contar-me a minha feia história.

Era o fim do dia e uma trovoadá aproximava-se rapidamente. Estava postada na porta das traseiras a vê-la chegar quando, mesmo diante dos meus olhos, uma grande águia atacou um pardal na horta da minha mãe. A águia atirou o pardal ao chão e desapareceu voando com ele. Três penas castanhas ensanguentadas caíram do corpo do pardal. Aterraram entre os tomateiros da minha mãe. Ressoou um trovão quando fui apanhar uma das penas. Esfreguei o sangue entre os dedos. Não sei porque o fiz.

Era pegajoso. E o seu cheiro acobreado era pungente nas minhas narinas, como se estivesse inundada dele. Inclinei a cabeça de lado, por alguma razão, escutando, sentindo. *Algo se passa aqui*, pensei. O céu escureceu. Levantou-se vento. Que trouxe... outro cheiro. Um cheiro estranho que desde então reconheci mas jamais conseguirei descrever.

Quanto mais inalava aquele cheiro, mais algo começava a acontecer na minha cabeça. Considerei fugir para dentro mas não queria levar fosse o que fosse daquilo para dentro de casa. Depois não me conseguia

mexer mesmo que quisesse. Houve um zumbido, depois dor. Fechei os olhos.

Havia portas na minha cabeça, portas feitas de aço e madeira e pedra. A dor era dessas portas a abrirem-se rangendo. Ar quente passava através delas. Sentia o corpo esquisito, como se cada movimento que fizesse quebrasse alguma coisa. Tombei de joelhos, acometida de vômitos. Cada músculo do meu corpo contraído. Então deixei de existir. De nada me lembro. Nem sequer da escuridão.

Foi horrível.

Quando dei por mim, estava presa no alto de um gigantesco iroko que crescia no centro da cidade. Estava nua. Estava a chover. Humilhação e confusão eram as coisas básicas da minha infância. É de admirar que a ira não andasse nunca muito atrás?

Sustive o fôlego para me impedir de soluçar de choque e medo. O largo ramo a que me agarrava era escorregadio. E não conseguia afugentar o sentimento de que acabara de espontaneamente morrer e regressar à vida. Mas isso não importava de momento. Como ia eu descer dali?

— Tens de saltar! — gritou alguém.

O meu pai e um rapaz qualquer segurando um cesto sobre a cabeça estavam lá em baixo. Rangi os dentes e agarrei-me mais firmemente ao tronco, zangada e embaraçada.

O Papá estendeu os braços. — Salta! — berrou.

Hesitei, pensando, *Não quero morrer outra vez*. Choraminguei. A fim de evitar os pensamentos subsequentes, saltei. O Papá e eu trambolhámos no solo molhado, coberto de frutos de iroko. Levantei-me atabalhoadamente e encostei-me com força a ele tentando esconder-me enquanto ele despia a camisa. Rapidamente me enfiei nela. O cheiro dos frutos esmagados era forte e amargo à chuva. Precisaríamos de um bom banho para o tirar e às manchas roxas da pele. A roupa do Papá estava arruinada. Olhei à minha volta. O rapaz fora-se.

O Papá deu-me a mão e fomos para casa em silêncio chocado. Enquanto nos arrastávamos à chuva, lutei para manter os olhos abertos. Estava tão exausta. Pareceu levar uma eternidade até chegarmos a casa. *Fui parar assim tão longe?*, perguntei-me. *O que... como?* Uma vez em casa, detive o Papá à porta. — O que aconteceu? — perguntei finalmente. — Como soube onde me encontrar?

— Tratemos mas é de te enxugar, por agora — disse ele apaziguadoramente.

Quando abrimos a porta, a minha mãe veio a correr. Insisti que estava bem mas não era verdade. Estava a cair no esquecimento de novo. Dirigi-me para o meu quarto.

— Deixa-a ir — disse o Papá à minha mãe.

Arrastei-me para a cama e desta vez mergulhei num sono profundo, normal.

— Levanta-te — disse a minha mãe na sua voz sussurrante. Tinham-se passado horas. Os meus olhos estavam remelosos e doía-me o corpo. Lentamente, sentei-me, esfregando o rosto. A minha mãe arrastou a sua cadeira para mais perto da cama. — Não sei o que te aconteceu — disse. Mas desviou o olhar de mim. Já então perguntei-me se ela estaria a falar verdade.

— Nem eu, mamã — disse eu. Suspirei, massajando os braços e pernas doridos. Ainda sentia o cheiro dos frutos de iroko na minha pele.

Ela tomou-me as mãos. — Será a única vez que te contarei isto. — Hesitou e abanou a cabeça, dizendo para si mesma: — Oh, Ani, ela tem apenas onze anos. — Depois inclinou a cabeça de lado e fez aquela expressão que eu conhecia tão bem. Aquela expressão de quem escuta. Sugou os dentes e assentiu.

— Mamã, o que...

— O sol estava alto no céu — disse ela na sua voz baixinha. — Tudo iluminava. Foi então que eles vieram. Quando a maior parte das mulheres, as que tínhamos mais de quinze anos, estávamos a Manter Conversação no deserto. Eu tinha à volta de vinte anos...

Os militantes Nuru esperaram pelo retiro, quando as mulheres Okeke fossem para o deserto e ali ficassem por sete dias a prestar respeito à deusa Ani. «Okeke» significa «os criados». O povo Okeke tem pele da cor da noite pois foi criado antes do dia. Foram os primeiros. Mais tarde, depois de muita coisa ter acontecido, chegaram os Nuru. Vieram das estrelas e é por isso que a sua pele é da cor do sol.

Estes nomes devem ter sido acordados durante tempos pacíficos, pois era bem conhecido que os Okeke nasceram para ser escravos dos

Nuru. Há muito tempo, durante a Era da África Antiga, eles haviam feito algo terrível levando Ani a pôr este dever nas suas costas. Está escrito no Grande Livro.

Embora Najeeba vivesse com o seu marido numa pequena aldeia Okeke em que ninguém era escravo, ela sabia o seu lugar. Tal como toda a gente na sua aldeia, se ela vivesse no Reino dos Sete Rios, apenas vinte e poucos quilómetros para leste, onde havia mais fartura de coisas, ela passaria a sua vida a servir os Nuru.

A maioria acatava o antigo ditado, «Uma cobra é tola se sonha ser lagarto». Mas um dia, trinta anos antes, um grupo de homens e mulheres Okeke na metrópole de Zin rejeitou-o. Estavam fartos. Sublevaram-se em motins, exigências e recusas. A sua paixão alastrou para as cidades e aldeias vizinhas dos Sete Rios. Estes Okekes pagaram caro por terem ambição. *Todos* pagaram, como é sempre o caso dos genocídios. E isso vinha acontecendo de tempos a tempos desde então. Os Okekes rebeldes que não foram exterminados foram impelidos para leste.

Najeeba tinha a cabeça pousada na areia, os olhos fechados, a atenção voltada para dentro. Sorria enquanto mantinha conversação com Ani. Quando tinha dez anos, juntou-se às viagens pelas estradas de sal com o pai e irmãos para o comércio de sal. Desde então, adorava o deserto aberto. E sempre adorara viajar. Abriu-se num sorriso maior e esfregou mais a cabeça na areia, ignorando o som das mulheres rezando à sua volta.

Najeeba estava a contar a Ani como ela e o marido se tinham sentado cá fora umas noites antes e visto cinco estrelas caírem do céu. Diz-se que o número de estrelas que mulher e marido veem cair será o número de filhos que terão. Riu-se para si própria. Não fazia ideia de que esta seria a última vez que riria durante muito tempo.

«Não temos grande coisa, mas o meu pai ficaria orgulhoso», disse Najeeba na sua voz rica. «Temos uma casa onde está sempre a entrar areia. O nosso computador era velho quando o comprámos. A nossa estação de recolha apanha apenas metade da água das nuvens que deveria recolher. A matança começou de novo e não está longe. Não temos filhos ainda. Mas somos felizes. E eu agradeço-te...»

O ronronar de lambretas. Levantou os olhos. Era um cortejo delas, cada uma com uma bandeira cor de laranja na parte de trás do assento. Deveriam ser pelo menos umas quarenta. Najeeba e o seu grupo estavam a quilómetros da aldeia. Tinham partido quatro dias antes, bebendo água e comendo apenas pão. Portanto não só estavam sozinhas, estavam fracas

também. Ela sabia quem era esta gente exatamente. *Como souberam onde encontrar-nos?*, interrogou-se. O deserto apagara o rasto delas há dias.

O ódio chegara finalmente a sua casa. A sua aldeia era um local pacato, onde as casas eram minúsculas mas bem construídas, o mercado pequeno mas bem abastecido, onde os casamentos eram os maiores acontecimentos que tinham lugar. Era um sítio doce e inofensivo, oculto por indolentes palmeiras. Até agora.

À medida que as lambretas descreviam círculos em torno das mulheres, Najeeba olhou para trás na direção da aldeia. Soltou um grunhido como se tivesse levado um murro no estômago. Fumo negro evolava-se no céu. A deusa Ani não se dignara dizer às mulheres que estavam todos a morrer. Que enquanto tinham a cabeça na areia, os seus filhos, maridos, familiares em casa estavam a ser assassinados, as casas a ser queimadas.

Em cada lambreta vinha montado um homem e em várias uma mulher acompanhava o homem. Usavam véus cor de laranja sobre os rostos luminosos. O seu caro equipamento militar — calças e *tops* cor de areia e botas de couro — era provavelmente tratado com gel meteorológico para o manter fresco ao sol. Enquanto Najeeba estava postada a fitar o fumo, de boca aberta, recordou-se de como o marido sempre quisera gel meteorológico para as suas roupas quando trabalhava no alto das palmeiras. Nunca tivera dinheiro para comprá-lo. *Nunca terá dinheiro para comprá-lo*, pensou.

As mulheres Okeke gritaram e correram em todas as direções. Najeeba gritou tão alto que o ar lhe saiu todo dos pulmões e sentiu algo dar de si no mais fundo da garganta. Viria a aperceber-se mais tarde de que era a sua voz deixando-a para sempre. Correu na direção oposta da aldeia. Mas os Nurus fizeram um amplo círculo em torno delas, arrebanhando-as como camelos selvagens. Enquanto as mulheres Okeke se encolhiam, as suas longas vestes pervinca adejavam à brisa. Os homens Nuru desmontaram das lambretas, as mulheres Nuru atrás deles. Acercaram-se. E foi então que as violações começaram.

Todas as mulheres Okeke, jovens, maduras e velhas, foram violadas. Repetidamente. Aqueles homens não se cansavam; era como se estivessem enfeitiçados. Quando se esvaziavam dentro de uma mulher, tinham mais para dar à seguinte e à seguinte. Cantavam enquanto violavam. As mulheres Nuru que os acompanhavam riam, apontavam e cantavam, também. Cantavam na língua comum de Sipo, de modo que as mulheres Okeke pudessem entender.

*O sangue dos Okeke como água flui
Seus bens tomamos e ancestrais envergonhamos.
Com mão pesada os espancamos
E o que chamam sua terra tomamos.
A nós pertence o poder de Ani
E por isso em pó vos arrasamos
Feios e imundos escravos, Ani vos matou por fim!*

Najeeba foi quem mais sofreu. As outras mulheres Okeke eram espancadas e violadas e depois os seus abusadores avançavam, dando-lhes um momento para respirar. O homem que tomou Najeeba, contudo, permaneceu com ela e não havia mulher Nuru alguma a rir e a observar. Ele era alto e forte como um touro. Um animal. O seu véu cobria-lhe o rosto mas não a raiva.

Agarrou Najeeba pelas suas espessas tranças negras e arrastou-a para uns metros de distância das outras. Ela tentou levantar-se e fugir mas ele logo a apanhou. Ela parou de se debater quando viu a sua faca... reluzente e aguçada. Ele riu-se, usando-a para lhe rasgar a roupa. Ela fitou-o nos olhos, a única parte do seu rosto que podia ver. Eram dourados e castanhos e irados, os cantos repuxados.

Enquanto a sustinha por terra, tirou um dispositivo em forma de moeda do bolso e pousou-o junto dela. Era a espécie de dispositivo que as pessoas usavam para acompanhar as horas, o estado do tempo, para guardar um ficheiro do Grande Livro. Este tinha um mecanismo de gravação. O minúsculo olho negro da sua câmara elevou-se, emitindo um estalido e zunido quando começou a gravar. Ele começou a cantar, espetando a faca na areia junto à cabeça de Najeeba. Dois grandes besouros negros pousaram-lhe no cabo.

Ele apartou-lhe as pernas e continuou a cantar enquanto se enterrava dentro dela. E entre canções, articulava palavras Nuru que ela não entendia. Palavras acaloradas, mordentes, rosnadas. Ao fim de algum tempo, a ira ferveu dentro de Najeeba e ela cuspiu e rosnou de volta para ele. Ele agarrou no pescoço dela e na sua faca e apontou-lhe a ponta ao olho esquerdo até ela se aquietar de novo. Depois cantou mais alto e enterrou-se mais fundo dentro dela.

A determinada altura, Najeeba esfriou, depois entorpeceu, depois aquietou. Transformou-se em dois olhos vendo tudo acontecer. Ela sempre fora assim até certo ponto. Em criança, caíra de uma árvore e partira um braço. Embora com dores, levantara-se calmamente, deixara os amigos em

pânico, fora para casa ter com a mãe, que a levou a uma amiga que sabia consertar ossos partidos. O peculiar comportamento de Najeeba costumava fazer zangar o pai sempre que ela se portava mal e levava uma sova. Por mais dura que fosse a pancada, ela não emitia um som.

«O Alusi desta criança não tem respeito!», dizia sempre o seu pai à sua mãe. Mas quando estava com a boa disposição do costume, o seu pai louvava esta parte de Najeeba, dizendo frequentemente: «Deixa o teu Alusi vaguear, filha. Vê o que podes ver!»

Agora o seu Alusi, essa etérea parte dela com a capacidade de silenciar a dor e observar, avançou. A sua mente gravava os acontecimentos como o dispositivo do homem. Cada detalhe. A sua mente observou que quando o homem cantava, malgrado as palavras da canção, a sua voz era bela.

Durou à volta de duas horas, embora para Najeeba parecesse um dia e meio. Na sua memória, ela viu o sol mover-se através do céu, pôr-se, e de novo nascer. Foi muito tempo, é o que importa. Os Nuru cantaram, riram, violaram, e, algumas vezes, mataram. Depois foram-se. Najeeba jazia ali deitada de costas, as vestes abertas, o tronco esmurrado e massacrado exposto ao sol. Pôs-se à escuta de respirares, gemidos, choros, e por algum tempo nada ouviu. Congratulou-se.

Então ouviu Amaka berrar: «Levanta-te!». Amaka era vinte anos mais velha que Najeeba. Era forte e amiúde uma voz para as mulheres da sua aldeia. «Levantem-se, todas!», disse Amaka, cambaleando. «Levantem-se!» Foi até cada mulher e deu-lhes com o pé. «Estamos mortas mas não morreremos aqui, as que ainda respiramos.»

Najeeba escutou sem se mover enquanto Amaka dava com os pés nas coxas e puxava pelos braços das mulheres. Esperava poder fazer-se de morta suficientemente bem para enganar Amaka. Sabia que o seu marido estava morto e, mesmo que não estivesse, nunca mais lhe tocaria.

Os homens Nuru, e as suas mulheres, haviam feito o que fizeram por mais que tortura e vergonha. Queriam criar crianças *Ewu*. Tais crianças não são filhos do amor proibido entre um Nuru e um Okeke, nem são Noahs, Okekes nascidos sem cor. Os *Ewu* são filhos da violência.

Uma mulher Okeke *jamais* matará uma centelha de vida dentro de si. Irá mesmo contra o marido para manter uma criança viva no seu ventre. Contudo, dita o costume que uma criança é filha do seu pai. Estes Nuru haviam plantado veneno. Uma mulher Okeke que desse à luz uma criança *Ewu* estava ligada aos Nuru através do seu filho. Os Nuru tentavam destruir as famílias Okeke bem na sua raiz. Najeeba não queria saber deste seu

plano cruel. Não havia centelha de vida alguma dentro dela. Apenas queria morrer. Quando Amaka chegou junto dela, bastou-lhe um pontapé para fazer Najeeba tossir.

«Não me enganas, Najeeba. Levanta-te», disse Amaka. O lado esquerdo do rosto de Amaka estava arroxeadado. O seu olho esquerdo estava fechado de tão inchado.

«Porquê?», perguntou Najeeba na sua nova voz sem voz.

«Porque é isso que nós *fazemos*.» Amaka estendeu uma mão.

Najeeba virou a cara. «Deixa-me acabar de morrer. Não tenho filhos. É o melhor.» Najeeba sentia o peso no seu ventre. Se se levantasse, todo o sémen que fora bombeado para dentro dela jorraria para fora. Agoniou-se à ideia e depois virou a cabeça para o lado e foi acometida de vômitos. Quando o seu estômago acalmou, Amaka ainda ali estava. Cuspiu no chão junto a Najeeba. Vermelho de sangue. Tentou puxar Najeeba e levantá-la. A dor no abdómen de Najeeba alastrou mas ela manteve o corpo inerte e pesado. Por fim, frustrada, Amaka largou o braço de Najeeba, cuspiu de novo e seguiu adiante.

As mulheres que escolheram viver levantaram-se de rastos e caminharam de volta para a aldeia. Najeeba fechou os olhos, sentindo o sangue gotear de um golpe na testa. Não tardou a fazer-se silêncio de novo. *Deixar este corpo será fácil*, pensou. Ela sempre adorara viajar.

Ali ficou até o rosto lhe arder ao sol. A morte estava a vir mais devagar do que ela queria. Abriu os olhos e sentou-se. Um minuto passou até que os seus olhos se ajustassem ao sol brilhante. Quando o fizeram, ela viu corpos e poças de sangue, a areia bebendo-o como se as mulheres tivessem sido sacrificadas ao deserto. Pôs-se lentamente de pé, foi até à sua sacola e pegou nela.

«Deixa-me», disse Teka dez minutos mais tarde quando Najeeba a abanou. Teka era a única viva entre os cinco corpos. Najeeba sentou-se pesadamente junto dela. Esfregou o couro cabeludo, dorido do seu atacante lhe puxar brutalmente o cabelo. Olhou para Teka. As suas tranças enraizadas estavam incrustadas de areia e o rosto contorcia-se a cada alento. Lentamente Najeeba pôs-se de pé e tentou levantar Teka.

«Deixa-me», repetiu Teka, olhando para ela zangada. E Najeeba assim fez.

Arrastou-se penosamente de volta à aldeia, indo nessa direção só por hábito. Implorou a Ani que enviasse alguma coisa que a matasse, como um leão ou mais Nurus. Mas não foi essa a vontade de Ani.

A sua aldeia estava a arder. Casas feitas em cinzas, hortas destruídas, lambretas em chamas. Havia corpos na rua. Muitos estavam queimados, irreconhecíveis. Durante esta espécie de incursões, os soldados Nuru levavam os homens Okeke mais fortes, amarravam-nos, regavam-nos com querosene e ateavam-lhes fogo.

Najeeba não viu quaisquer homens ou mulheres Nuru vivos ou mortos. A aldeia fora uma conquista fácil, desprevenida, vulnerável, alheada, em negação. *Que estupidez*, pensou. Mulheres gemiam na rua. Homens choravam diante das suas casas. Crianças andavam a esmo, confusas. O calor era sufocante, irradiando do sol e das casas e lambretas e pessoas a arder. Lá para o pôr do sol, haveria um novo êxodo para leste.

Najeeba pronunciou baixinho o nome do marido quando chegou a casa deles. Depois urinou-se. A urina ardeu escorrendo-lhe pelas massacradas pernas. Metade da casa estava em chamas. A horta estava destruída. A lambreta estava em chamas. Mas lá estava Idris, o seu marido, sentado no chão com a cabeça nas mãos.

«Idris», disse Najeeba novamente baixinho. *Estou a ver um fantasma*, pensou. *O vento soprará e ele será soprado com ele*. Não havia sangue escorrendo-lhe pelo rosto. E embora as joelheiras das suas calças azuis tivessem uma crosta de areia e as cavas do seu cafetã azul estivessem escuras de suor, ele estava intacto. Era mesmo ele, não o seu fantasma. Najeeba desejou dizer «Ani é misericordiosa», mas a deusa não o era. De todo. Pois, embora o seu marido fosse poupado, Ani matara Najeeba deixando-a ainda assim viva.

Quando a viu, Idris gritou de alegria. Correram para os braços um do outro e abraçaram-se por vários minutos. Idris cheirava a suor, ansiedade, medo e ruína. Ela não se atreveu a perguntar-se a que cheiraria ela.

«Sou um homem, mas tudo o que consegui fazer foi esconder-me como uma criança», disse-lhe ele ao ouvido. Beijou-lhe o pescoço. Ela fechou os olhos, desejando que Ani a matasse ali mesmo.

«Foi o melhor», sussurrou Najeeba.

Então ele afastou-a e Najeeba soube. «Mulher», disse ele, baixando os olhos para as suas vestes abertas. Os seus pelos púbicos estavam expostos, as suas coxas massacradas, o seu ventre. «Cobre-te!», disse ele fechando-lhe a parte de baixo do vestido com um puxão. Os seus olhos marejaram-se de lágrimas. «C-c-cobre-te, *O!*» A expressão do seu rosto mais pesarosa ficou e ele abraçou o próprio flanco. Recuou. Olhou de novo para Najeeba, de olhos semicerrados, e então abanou a cabeça como que a tentar afugentar alguma coisa. «Não.»

Najeeba ali ficou simplesmente enquanto o marido recuava, as mãos estendidas diante dele. «Não», repetiu. Os olhos vertendo lágrimas mas o seu rosto endurecido.

O seu rosto manteve-se inexpressivo enquanto observava Najeeba entrar dentro da casa ardida. Lá dentro, Najeeba ignorou o calor e os sons da casa a ranger, estalar, e morrer. Recolheu metodicamente algumas coisas, algum dinheiro que escondera, uma panela, a estação de recolha de ambos, um jogo de tabuleiro que a irmã lhe dera há anos, uma fotografia do marido a sorrir, e um saco de pano de sal. Era bom ter-se sal quando se ia para o deserto. A única fotografia que tinha dos pais falecidos estava a arder.

Najeeba não iria viver por muito mais tempo. Para si própria, transformou-se no Alusi que o seu pai dizia que sempre vivera nela; o espírito do deserto que adorava errar para sítios distantes. Uma vez na sua aldeia, esperara que o marido estivesse vivo. Quando o encontrara, esperara que ele fosse diferente. Mas ela era uma Okeke. Quem lhe mandava ter esperança?

Podia sobreviver no deserto. Os seus retiros anuais com as mulheres e as suas viagens pela Estrada de Sal com o pai e irmãos servir-lhe-iam agora. Sabia usar a estação de recolha para captar condensação do céu para água potável. Sabia fazer armadilhas para raposas e lebres. Sabia onde encontrar tartarugas, lagartos e ovos de cobra. Sabia quais os gatos que eram comestíveis. E porque já estava morta, não tinha medo.

Najeeba andou e andou, em busca de um lugar onde deixar o corpo morrer. *Daqui a uma semana*, pensou, enquanto montava acampamento. *Amanhã*, pensava enquanto se arrastava penosamente. Quando se apercebeu de que estava grávida, a morte deixou de ser uma opção. Mas na sua mente permaneceu um Alusi, controlando e mantendo o corpo como se controla um computador. Viajou para leste, para longe das metrópoles Nuru, rumo às terras desoladas em que os Okeke viviam no exílio. À noite, quando se deitava na sua tenda, ouvia as vozes das mulheres Nuru a rir e cantar lá fora. Gritava-lhes sem voz para que entrassem e acabassem com ela se pudessem. «Arranco-vos os seios!», dizia. «Bebo-vos o sangue que nutrirá o ser que cresce dentro de mim!»

Quando dormia, via frequentemente o marido Idris ali especado, perturbado e triste. Idris amara-a ternamente durante dois anos. Ela acordava e tinha de olhar para a fotografia dele para se lembrar de como era antes. Algum tempo depois, isto não ajudava.

Durante meses, Najeeba permaneceu num limbo enquanto o ventre lhe crescia e o dia do nascimento se aproximava. Quando nada mais tinha para fazer, sentava-se de olhos fitos no espaço. Por vezes jogava o seu jogo de tabuleiro Dark Shadows, ganhando sempre, pontuando mais de cada vez. Por vezes falava para a criança dentro de si. «O mundo humano é duro», dizia Najeeba. «Mas o deserto é um encanto. Alusi, *mmuo*, todos os espíritos aqui podem viver em paz. Quando chegares, vais adorar isto aqui, também.»

Era uma nómada, viajando durante as partes frescas do dia, evitando cidades e aldeias. Quando estava mais ou menos de quatro meses, um escorpião picou-a no calcanhar enquanto caminhava. O pé inchou-lhe dolorosamente e teve de ficar dois dias deitada. Mas lá acabou por se levantar e seguir em frente.

Quando finalmente entrou em trabalho de parto, foi forçada a admitir que o que vinha dizendo a si própria todos estes meses estava errado. Ela não era um Alusi prestes a dar à luz uma criança Alusi. Era uma mulher no deserto completamente só. Aterrorizada, deitou-se na tenda sobre a fina esteira na sua camisa de dormir surrada do deserto, a única peça que tinha que lhe cabia no corpo dilatado.

O corpo que ela finalmente admitira ser seu conspirava contra ela. Empurrando e puxando violentamente, era como travar uma batalha com um monstro invisível. Praguejou e gritou e fez força. *Se morrer aqui, a criança morrerá sozinha*, pensava desesperada. *Criança alguma merece morrer sozinha*. Aguentou-se. Concentrou-se.

Após uma hora de terríveis contrações, o seu Alusi avançou. Ela relaxou, retrocedeu e observou, deixando o seu corpo fazer aquilo para que fora feito. Horas depois, a criança emergiu. Najeeba poderia ter jurado que a criança estava a guinchar antes sequer de sair. Tão zangada. Desde o momento que a criança nasceu, Najeeba percebeu que lhe desagradariam surpresas e teria pouca paciência. Cortou o cordão, atou o umbigo e encostou a criança ao peito. Uma menina.

Najeeba embalou-a e olhou horrorizada como ela, ela própria, não parava de sangrar. Imagens suas jazendo na areia com sémen gotejando de dentro dela persistiam em tentar insinuar-se-lhe na mente. Agora que era humana de novo, já não era imune a estas memórias. Forçou as memórias para longe e focou-se na criança zangada nos seus braços.

Uma hora mais tarde, quando debilmente se sentou perguntando-se se sangraria até morrer, o sangue abrandou e parou. Com a criança nos braços,

dormiu. Quando acordou, conseguiu pôr-se em pé. Sentiu-se como se as entranhas lhe fossem cair entrepernas, mas ficar de pé não era impossível. Olhou atentamente a filha. Tinha os lábios grossos e malares salientes de Najeeba mas o nariz estreito de alguém que Najeeba não conhecia.

E os seus olhos, oh, os seus olhos. Eram daquele castanho dourado, os olhos *dele*. Era como se *ele* a perscrutasse através da criança. A cor da pele e cabelo do bebé tinham o estranho matiz da areia. Najeeba sabia deste fenómeno, particular apenas de crianças concebidas através da violência. *Falariam sequer dele no Grande Livro?* Não estava certa. Não lera grande coisa dele.

O povo Nuru tinha pele amarela-acastanhada, lábios finos e cabelo castanho ou preto que parecia uma crina de cavalo bem tratada. Os Okeke tinham pele castanha-escura, narinas dilatadas, lábios grossos e espesso cabelo negro como a pele de uma ovelha. Ninguém sabe porque é que as crianças *Ewu* se parecem sempre assim. Não parecem Okeke nem Nuru, mais como espíritos do deserto. Passar-se-iam meses até que a marca registada das sardas aparecesse nas faces da criança. Najeeba fitou os olhos da filha. Depois encostou os lábios ao ouvido do bebé e pronunciou o nome da criança.

«Onyesonwu», disse Najeeba de novo. Soava apropriado. Queria gritar a pergunta para o céu: «Quem teme a morte?» Mas, ai, Najeeba não tinha voz e apenas podia sussurrá-lo. *Um dia, Onyesonwu pronunciará o seu nome corretamente*, pensou.

Najeeba dirigiu-se lentamente à estação de recolha e fixou o seu grande saco de água. Virou-o. Fez um sonoro *chape* e criou a súbita frescura do costume. Onyesonwu acordou sobressaltada e desatou a chorar. Najeeba sorriu. Depois de lavar Onyesonwu, lavou-se a si própria. Depois bebeu e comeu, dando de mamar a Onyesonwu com alguma dificuldade. A criança não percebia bem como abocanhar. Estava na altura de partir. O sangue do parto atrairia animais selvagens.

Ao longo dos meses, Najeeba concentrou-se em Onyesonwu. E fazê-lo forçou-a a cuidar de si própria. Mas foi mais que isso. *Ela brilha como uma estrela. Ela é a minha esperança*, pensava Najeeba, fitando a sua filha. Onyesonwu era barulhenta e irrequieta quando acordada, mas dormia com igual ferocidade, dando a Najeeba mais que tempo para fazer o que havia a fazer e descansar ela própria.

Foram tempos pacíficos para mãe e filha.

Quando Onyesonwu ficou doente com febre e nenhum dos remédios de

Najeeba resultou, chegou a altura de encontrar um curandeiro. Onyesonwu tinha quatro meses. Tinham recentemente passado por uma cidade Okeke chamada Diliza. Tiveram de voltar para trás. Seria a primeira vez em mais de um ano que Najeeba estaria na companhia de outras pessoas. O mercado da cidade tinha lugar nos arredores da povoação. Onyesonwu remexia-se abrasadora contra as suas costas. «Não te preocupes», disse Najeeba descendo a duna de areia.

Najeeba bem se esforçou para não pular a cada som sempre que alguém lhe roçava o braço. Curvava a cabeça de cada vez que alguém a saudava. Havia pirâmides de tomates, barris de tâmaras, pilhas de estações de recolha usadas, garrafas de óleo de cozinha, caixas com pregos, artigos de um mundo a que ela e a filha não pertenciam. Ainda tinha o dinheiro que trouxera quando deixara a sua casa, e a moeda aqui era a mesma. Tinha medo de pedir orientações, de modo que levou uma hora a encontrar um curandeiro.

Era baixo e de pele macia. Sob a sua pequena tenda havia frascos com líquidos e pós castanhos, pretos, amarelos e encarnados, feixes de talos vários, e cestos com folhas. Um pau de incenso ardia, adoçando o ar. Nas suas costas, Onyesonwu pipilava debilmente.

«Boa-tarde», disse o curandeiro curvando-se para Najeeba.

«O meu... o meu bebé está doente», disse Najeeba cautelosamente.

Ele franziu o cenho. «Fale, por favor.»

Ela deu uma palmadinha na garganta. Ele assentiu, aproximando-se. «Como foi que perdeu a...»

«Não é para mim», disse ela. «É para a minha filha.»

Desembrulhou Onyesonwu, segurando-a bem nos braços enquanto o curandeiro a fitava. Recuou e Najeeba quase chorou. A reação dele à sua filha era semelhante à reação do marido a ela.

«Ela é...?»

«Sim», disse Najeeba.

«São nómadas?»

«Sim.»

«Sozinhas?»

Najeeba comprimiu os lábios um contra o outro.

Ele olhou para trás dela e disse então: «Depressa. Deixe-me vê-la.» Observou Onyesonwu, perguntando a Najeeba o que andava ela a comer, pois ela e a criança não estavam malnutridas. Estendeu-lhe um frasco rolhado contendo uma substância cor-de-rosa. «Dê-lhe três gotas de oito em oito horas. Ela é forte, mas se não lhe der isto, morrerá.»

Najeeba desarmou-o e fungou. Tinha um cheiro doce. Fosse o que fosse, estava misturado com seiva de palmeira fresca. O remédio custou um terço do dinheiro que ela tinha. Deu a Onyesonwu três gotas. O bebê chupou o líquido e voltou a adormecer.

Gastou o resto do dinheiro em víveres. O dialeto na cidade era diferente, mas conseguiu comunicar ainda assim em sipo e okeke. Enquanto fazia compras num frenesim, começou a acumular uma audiência. Só a determinação a impediu de correr de volta para o deserto logo depois de comprar o remédio. O bebê precisava de biberões e roupa. Najeeba precisava de uma bússola e mapa e de uma faca nova para cortar carne. Depois de comprar um pequeno saco de tâmaras, virou-se e deu consigo diante de uma muralha de gente. Sobretudo homens, alguns velhos e alguns novos. A maioria mais ou menos da idade do seu marido. Ali estava ela de novo. Mas desta vez, estava só e os homens que a ameaçavam eram Okeke.

«O que se passa?», perguntou baixinho. Podia sentir Onyesonwu mexer-se nas suas costas.

«De quem é essa criança, Mamã?», perguntou um rapaz dos seus dezoito anos.

Ela sentiu Onyesonwu mexer-se de novo e teve um súbito acesso de raiva. «Eu não sou tua mãe!», dardejou Najeeba, desejando que a sua voz funcionasse.

«É teu filho, mulher?», perguntou um velho com uma voz que soava como se ele não bebesse água fresca há décadas.

«Sim», disse ela. «É *minha!* De mais ninguém.»

«Não podes falar?», perguntou um homem. Olhou para o homem ao seu lado. «Ela mexe a boca mas não sai qualquer som. Ani tirou-lhe a língua imunda.»

«Esse bebê é Nuru!», disse alguém.

«É *meu!*», sussurrou Najeeba o mais alto que pôde. As suas cordas vocais distenderam-se e sentiu o sabor a sangue.

«Concubina de Nuru! *Tffya!* Vai à procura do teu marido!»

«Escrava!»

«Portadora de *Ewu!*»

Para esta gente, o assassinio de Okekes no Oeste era mais ficção que facto. Ela viajara mais longe do que julgara. Esta gente não queria saber a verdade. E portanto observavam enquanto mãe e filha circulavam pelo mercado. Enquanto observavam, paravam a falar com amigos, dizendo

palavras feias que mais feias se tornavam quanto mais eram trocadas. Mais iradas e agitadas se tornavam. Finalmente encurralaram Najeeba e a sua filha *Ewu*. Tornaram-se afoitos e farisaicos. Finalmente, atacaram.

Quando a primeira pedra atingiu o peito de Najeeba, ela ficou demasiado chocada para fugir. Doeu. Não era um aviso. Quando a segunda lhe atingiu a coxa, ela teve lampejos de há um ano,, quando morrera. Quando, em vez de pedras, um corpo de homem se abatera sobre ela. Quando a terceira pedra a atingiu na face, soube que, se não fugisse, a sua filha morreria.

Correu como poderia ter corrido quando os Nurus atacaram naquele dia. Pedras atingiram-na nas omoplatas, pescoço e pernas. Ouviu Onyesonwu guinchar e chorar. Correu até irromper do mercado para a segurança do deserto. Só depois de escalar a terceira duna de areia é que abrandou. Eles julgavam provavelmente tê-la escorraçado para a morte. Como se mulher e filha não pudessem sobreviver sozinhas no deserto.

Uma vez a salvo longe de Diliza, Najeeba desembrulhou Onyesonwu. Arquejou e soluçou. O sangue corria mesmo acima da sobrancelha da criança, onde uma pedra a atingira. O bebé esfregava debilmente a cara, espalhando o sangue. Onyesonwu continuou a debater-se quando Najeeba lhe puxou as mãozinhas minúsculas para trás. A ferida era superficial. Nessa noite, embora Onyesonwu dormisse bem, tendo o remédio feito ceder a febre, Najeeba fartou-se de chorar.

Durante seis anos, criou Onyesonwu sozinha no deserto. Onyesonwu tornou-se uma criança forte e combativa. Adorava a areia, os ventos e as criaturas do deserto. Embora Najeeba não fizesse mais que sussurrar, ria e sorria sempre que Onyesonwu berrava. Quando Onyesonwu berrava as palavras que Najeeba lhe ensinava, Najeeba beijava-a e abraçava-a. Foi assim que Onyesonwu aprendeu a usar a voz sem jamais ter ouvido alguma.

E que voz encantadora Onyesonwu tinha. Aprendeu a cantar escutando o vento. Postava-se frequentemente ante o descampado e cantava para ele. Por vezes, se cantava ao entardecer, atraía corujas de muito longe. Posavam na areia à escuta. Este foi o primeiro sinal que Najeeba teve de que a sua filha era não só *Ewu* como muito especial, invulgar.

Nesse sexto ano, uma constatação acudiu a Najeeba: a sua filha precisava de outras pessoas. No seu coração, Najeeba sabia que fosse em que fosse que a sua filha se tornasse, apenas poderia fazê-lo dentro da civilização. E usou pois a bússola e as estrelas para levar a filha para lá. Que lugar soava mais promissor para a sua filha da cor da areia do que Jwahir, que significava «Casa da Dama de Ouro»?

Segundo a lenda jwahiriana, há setecentos anos vivera uma mulher Okeke gigante feita de ouro. O seu pai levou-a para a tenda da engorda e semanas depois ela emergiu gorda e bela. Desposou um jovem rico e decidiram mudar-se para uma cidade grande. Contudo, pelo caminho, devido ao seu imenso peso (ela era muito gorda e feita de ouro), ela cansou-se, cansou-se tanto que teve de se deitar.

A Dama de Ouro não conseguia levantar-se, por isso foi ali que o casal teve de se estabelecer. Por esta razão, a terra aplanada por ela deixada foi chamada Jwahir² e aqueles que lá viviam prosperavam. Foi construída há muito tempo por alguns dos primeiros Okekes a fugir para o Oeste. Os antepassados dos Jwahirianos eram de uma casta deveras rara.

Najeeba rezou para que nunca tivesse de contar à sua estranha filha a história da sua concepção. Mas Najeeba era realista, também. A vida não era fácil.

Eu estava capaz de matar alguém depois de a minha mãe me contar esta história.

— Lamento — disse a minha mãe. — És tão nova. Mas prometi a mim própria que no momento que *fosse o que fosse* começasse a acontecer-te, te contaria isto. Sabê-lo poderá ser-te útil. O que te aconteceu hoje... naquela árvore... é apenas o princípio, penso eu.

Eu estava a tremer e a suar. Senti a garganta em carne viva quando falei. — Eu... eu lembro-me daquele primeiro dia — disse, esfregando o suor da fronte. — Tu escolheste aquele lugar no mercado para venderes cato cristalizado. — Fiz uma pausa, franzindo o cenho à medida que me acudia. — E aquele vendedor de pão forçou-nos a desandar. Berrou para ti. E olhou para mim como... — Toquei e pressionei a minúscula cicatriz na minha testa. *Vou queimar o meu exemplar do Grande Livro*, pensei. É a causa de tudo isto. Desejei tombar de joelhos e implorar a Ani que fizesse arder o Oeste em cinzas.

Sabia alguma coisa sobre sexo. Era mesmo um bocadinho curiosa a esse respeito... bem, talvez mais desconfiada que curiosa. Mas não sabia *disto* — sexo como violência, violência que produzia crianças... me produzira a mim, que acontecera à minha mãe. Reprimi um impulso para vomitar, e depois um impulso de rasgar a minha pele. Quis abraçar a minha mãe mas ao mesmo tempo não queria tocar-lhe. Eu era veneno. Não tinha o direito. Não consegui fazer-me abarcar de todo o que aquele... homem, aquele monstro, lhe fizera. Não com onze anos.

² Possivelmente do árabe *jawahir*, nome de mulher que significa «joias». (N. da T.)

O homem na fotografia, o único homem que eu vira durante os primeiros seis anos da minha vida, não era meu pai. Não era sequer boa pessoa. *Sacana traíçoeiro*, pensei, as lágrimas ardendo-me nos olhos. *Se alguma vez der contigo, arranco-te o pénis*. Estremeci, pensando no que ainda de pior queria fazer ao homem que violara a minha mãe.

Até esse ponto, julgara-me Noah. Os Noahs tinham dois pais Okeke, mas eram da cor da areia. Ignorara o facto de não ter os usuais olhos vermelhos e sensibilidade à luz do sol. E de que à parte a cor da pele, os Noahs pareciam basicamente Okekes. Ignorei o facto de que os outros Noahs não tinham problemas em fazer amizade com crianças de «aspeto normal». Eles não eram proscritos como eu. E os Noahs olhavam para mim com o mesmo medo e repulsa que os Okekes mais escuros. Mesmo para *eles*, eu era diferente. Porque não queimara a minha mãe aquela fotografia do seu marido Idris? Ele traíra-a para proteger a sua estúpida honra. Ela dissera-me que ele morreria... *deveria* ter morrido — sido MORTO — violentamente!

— O Papá sabe? — Odiei o som da minha voz. *Quando canto, perguntei-me, de quem ouvirá ela a voz?* O meu pai biológico também podia cantar com doçura.

— Sim.

O Papá soube assim que me viu, constatei. Todos sabiam menos eu.

— *Ewu* — disse lentamente. — É o que isto quer dizer? — Nunca perguntara.

— Nascido da dor — disse ela. — As pessoas acreditam que os nascidos *Ewu* acabam por se tornar violentos. Pensam que um ato de violência apenas pode gerar mais violência. Eu sei que isto não é verdade, e tu também deverias saber.

Olhei para a minha mãe. Ela parecia saber tanto. — Mamã — disse. — Já alguma vez te aconteceu alguma coisa como o que me aconteceu na árvore?

— Minha querida, pensas de mais — foi tudo o que ela disse. — Chega aqui. — Levantou-se e envolveu-me nos seus braços. Chorámos e soluçámos e pranteámos e sangrámos lágrimas. Mas quando acabámos, tudo o que pudemos fazer foi continuar a viver.

CAPÍTULO 4

O RITO DO DÉCIMO PRIMEIRO ANO



SIM, O DÉCIMO PRIMEIRO ANO DA MINHA VIDA FOI DURO. O meu corpo desenvolveu-se cedo, pelo que por esta altura tinha seios, os meus ciclos e figura de mulher. Tinha igualmente de lidar com homens e rapazes estúpidos a olharem-me lubricamente e a apalparem-me. Então veio aquele dia de chuva em que misteriosamente acabei nua no iroko e a minha mãe se sentira tão abalada que achara ser a hora H de me contar a repulsiva verdade das minhas origens. Uma semana depois foi a vez do meu Décimo Primeiro Rito. A vida raramente amainava para mim.

O Décimo Primeiro Rito é uma tradição de dois mil anos levada a cabo no primeiro dia da estação das chuvas. Envolve as raparigas que fazem onze anos. A minha mãe achava que a prática era primitiva e inútil. Não queria que eu tivesse nada a ver com ela. Na sua aldeia, a prática do Décimo Primeiro Rito fora banida anos antes de ela nascer. Por isso cresci segura de que toda a circuncisão aconteceria às outras raparigas, raparigas *nascidas* em Jwahir.

Depois de uma rapariga passar pelo seu Décimo Primeiro Rito, é digna de que lhe falem como a um adulto. Os rapazes só obtêm este privilégio aos treze anos. Portanto, as idades entre os onze e os dezasseis anos são as mais felizes para uma rapariga pois ela é simultaneamente criança e adulta. A informação quanto ao rito não era suprimida. Havia muitos livros sobre o procedimento na casa do livro da escola. Ainda assim, a ninguém era requerido ou aconselhado que os lesse.

Portanto nós raparigas sabíamos que um pedaço de carne nos era cortado entrepernas e que a circuncisão não alterava literalmente quem

éramos ou nos tornava pessoas melhores. Mas não sabíamos o que *fazia* o pedaço de carne. E porque era uma antiga prática, ninguém se recordava realmente *porque* era ela feita. De modo que a tradição era aceite, antecipada e levada a cabo.

Eu não queria fazê-lo. Não era usado nenhum remédio entorpecente. Isso fazia parte do ritual. Eu vira duas raparigas acabadas de circuncisar no ano anterior e recordava-me de como elas andavam. E não me agradava a ideia de cortar uma parte do meu corpo. Nem sequer gostava de cortar o cabelo, daí as minhas longas tranças. E não era certamente pessoa para fazer fosse o que fosse em nome da tradição. Não eram esses os meus antecedentes.

Mas sentada no chão de olhos fitos no espaço, soube que algo mudara em mim na semana passada quando acabara empoleirada naquela árvore. Fosse o que fosse provocava um ligeiro tremor no meu andar em que só eu reparava. Ouvira mais à minha mãe do que a história da minha concepção. Ela nada dissera da esperança que tinha em mim. A esperança de que eu vingasse o seu sofrimento. Não entrara em detalhes quanto à violação, tão pouco. Tudo isso estava nas *entrelinhas* do que ela dissera.

Eu tinha muitas perguntas que não podiam ser respondidas. Mas quando chego o meu Décimo Primeiro Rito, eu soube o que tinha de fazer. Nesse ano éramos apenas quatro raparigas de onze anos. Havia quinze rapazes. As três raparigas do meu grupo diriam sem dúvida a toda a gente que eu não estivera presente no rito. Em Jwahir, ser incircuncidada depois dos onze anos trazia má sorte e vergonha à família. Ninguém queria saber se não tínhamos nascido em Jwahir. Era esperado que tu, a rapariga crescendo em Jwahir, o fizesses.

Eu trouxera desonra à minha mãe com a minha existência. Trouxera escândalo ao Papá ao entrar na sua vida. Quando antes era um respeitado e cobiçado viúvo, agora as pessoas diziam a rir que estava enfeitado por uma mulher Okeke do sanguinário Oeste, uma mulher que fora usada por um homem Nuru. Os meus pais já tinham sobre si vergonha suficiente.

Em cima de tudo isto, aos onze anos, eu ainda tinha esperanças. Acreditava que podia ser normal. Que podia ser *tornada* normal. O Décimo Primeiro Rito era antigo e era respeitado. Era poderoso. O rito poria fim à estranheza que me acontecia. No dia seguinte, antes da escola, fui a casa da Ada, a sacerdotisa que levaria a cabo o Décimo Primeiro Rito.

— Bom-dia, *Ada-m* — disse respeitosa quando ela abriu a porta. Ela olhou-me nos olhos de cenho franzido. Deveria ser uma década

mais velha que a minha mãe, talvez duas. Eu tinha quase a sua altura. O seu longo vestido verde era elegante e o seu cabelo curto afro estava perfeitamente modelado. Cheirava a incenso. — O que foi, *Ewu*?

Encolhi-me à palavra. — Peço desculpa — disse, recuando. — Estou a incomodar?

— Eu decidirei isso — disse ela, cruzando os braços sobre o peito pequeno. — Entra.

Entre, assinalando brevemente que chegaria atrasada à escola. *Vou mesmo fazer isto*, pensei.

De fora, a casa dela era uma pequena habitação de tijolo de areia e lá dentro permanecia pequena. E contudo era capaz de albergar uma obra de arte que era gigantesca em poder visual. O mural que se espalhava pelas paredes estava inacabado, mas a divisão já parecia submergida num dos Sete Rios. Pintado junto à porta estava um pescador à escala humana com um rosto impressionantemente realista. Os seus olhos ancestrais estavam cheios de sabedoria primordial.

Os livros falavam de enormes corpos de água. Mas eu nunca vira um desenhado, quanto mais uma gigantesca pintura a cores. *Isto não pode realmente existir*, pensei. Tanta água. E dentro dela havia insetos prateados, tartarugas com pernas chatas e carapaças verdes, plantas aquáticas e... peixes, dourados, pretos e vermelhos. Fitei tudo à minha volta. O compartimento cheirava a tinta fresca. As mãos da Ada estavam manchadas dela, também. Eu interrompera-a.

— Gostas? — perguntou.

— Nunca vi uma coisa assim — disse baixinho, embasbacada.

— A minha reação favorita — disse ela, parecendo genuinamente agradada.

Sentei-me e ela colocou-se à minha frente, à espera. — Eu... eu gostaria de pôr o meu nome na lista, *Ada-m* — disse eu. Mordi o lábio. Expressar este pedido tornava-o real, especialmente quando falado a esta mulher.

Ela assentiu. — Perguntava-me quando virias.

A Ada sabia o que se passava com toda a gente em Jwahir. Era ela que se certificava de que as devidas tradições fossem levadas a cabo para mortes, nascimentos, celebrações menstruais, as festas levadas a cabo quando a voz de um rapaz se torna grave, o Rito do Décimo Primeiro Ano, o Rito do Décimo Terceiro Ano, todos os marcos da vida. Fora ela que planeara o casamento dos meus pais e eu escondera-me dela sempre que ela aparecia. Esperava que não se lembrasse de mim.

— Acrescentarei o teu nome. A lista será submetida ao Osugbo — disse ela.

— Obrigada — respondi.

— Está aqui às duas da madrugada de hoje a uma semana. Veste roupa velha. Vem sozinha. — Olhou-me de alto a baixo. — O teu cabelo... desfaz as tranças, escova-o e faz uma trança solta.

Uma semana mais tarde, esgueirei-me pela janela do meu quarto quando faltavam vinte minutos para as duas da madrugada.

A porta de casa da Ada estava aberta quando cheguei. Entrei devagarinho. A sala estava decorada com velas, toda a mobília retirada. O mural da Ada, praticamente acabado, parecia mais vivo que nunca à luz das velas.

As outras três raparigas já lá estavam. Juntei-me rapidamente a elas. Olharam para mim com surpresa e algum alívio. Eu era mais uma pessoa para partilhar o medo delas. Não falámos, nem sequer uma saudação, mas mantivemo-nos bem juntas.

Além da Ada, estavam presentes outras cinco mulheres. Uma delas era a minha tia-avó, Abeo Ogundimu. Ela nunca gostara de mim. Se se apercebesse de que eu estava ali sem o consentimento do Papá, seu sobrinho, eu estaria metida num verdadeiro sarilho. Não conhecia as outras quatro mulheres, mas uma delas era muito velha e a sua presença impunha respeito. Estremeci de culpa, subitamente incerta se deveria ali estar.

Olhei de relance para uma pequena mesa no centro da sala. Dispostos sobre ela havia gaze, frascos de álcool, iodo, quatro bisturis e outros artigos que não reconheci. O meu estômago revolveu-se de náusea. Um minuto depois, a Ada começou. Deviam estar à minha espera.

— Nós somos as mulheres do Décimo Primeiro Rito — disse a Ada. — Nós seis guardamos a encruzilhada entre a condição de mulher e a condição de rapariga. Só através de nós se podem mover livremente entre as duas. Eu sou a Ada.

— Eu sou a Dama Abadie, curandeira da cidade — disse a mulher baixa ao lado dela. Tinha as mãos firmemente encostadas ao fluido vestido amarelo.

— Eu sou Ochi Naka — disse outra. Tinha a pele muito escura e uma figura voluptuosa que ela ostentava no seu estilizado vestido púrpura. — Costureira do mercado.

— Eu sou Zuni Whan — disse a outra. Sob o seu vestido azul e solto de comprimento médio usava calças, algo que as mulheres raramente faziam em Jwahir. — Arquiteta.

— Eu sou Abeo Ogundimu — disse a minha tia-avó com um sorriso afetado. — Mãe de quinze.

As mulheres riram-se. Todas rimos. Ser mãe de quinze era de facto uma afadigada carreira.

— E eu sou a Vovó Sábia — disse a imponente decana, olhando para cada uma de nós através do seu único olho bom, as costas corcovadas impelindo-a para diante para toda a eternidade. A minha tia-avó era velha, mas era nova comparada com esta mulher. A voz da Vovó Sábia era clara e seca. Susteve o meu olhar por mais tempo do que fez com as outras raparigas. — Pois então quais são os vossos nomes, para que todas nos conheçamos bem? — disse ela.

— Luyu Chiki — disse a rapariga ao meu lado.

— Diti Goitsemedime.

— Binta Keita.

— Onyesonwu Ubaid-Ogundimu.

— Esta aqui — disse a Vovó Sábia, apontando para mim. Sustive o fôlego.

— Avança — disse a Ada.

Eu passara demasiado tempo a preparar-me mentalmente para este dia. Toda a semana tivera dificuldade em comer e dormir, temendo a dor e o sangue. Por esta altura, já me resignara finalmente a tudo. Agora a mulher de idade barrava-me o caminho.

A Vovó Sábia olhou-me de alto a baixo. Rodeou-me devagarinho, perscrutando-me com o seu único olho, qual tartaruga da sua carapaça. Soltou um grunhido. — Desfaz essa trança — disse. Eu era a única com cabelo suficientemente longo para ser entrançado. As mulheres de Jwahir usavam cabelo estilizadamente curto, outra diferença entre a aldeia da minha mãe e Jwahir. — Este é o seu dia. Ela deve estar desprovida de entraves.

Enrubesci de alívio. Ao desfazer a trança solta, a Ada falou. — Quem aqui vem intocada?

Só eu levantei a mão. Ouvi a que se chamava Luyu soltar uma risadinha. Rapidamente se calou quando a Ada falou de novo. — Quem, Diti?

Diti deixou escapar uma minúscula e desconfortável risada. — Um... colega de escola — disse baixinho.

— O seu nome?

— Fanasi.

— Copularam?

Sustive o fôlego baixinho. Não podia imaginá-lo. Éramos tão novas.

Diti abanou a cabeça e disse: — Não. — A Ada passou à seguinte.

— Quem, Luyu? — perguntou.

Como Luyu apenas a fitasse com olhos desafiadores, a Ada avançou tão rapidamente que tive a certeza de que ia dar uma bofetada a Luyu. Luyu não se mexeu. Ergueu mais o queixo, desafiando a Ada. Fiquei impressionada. Reparei na roupa de Luyu. Era feita dos mais finos têxteis. Bem coloridos; nunca tinham sido lavados. Luyu vinha de uma família endinheirada e obviamente não achava que tivesse de responder nem mesmo à Ada.

— Não sei o nome dele — disse Luyu por fim.

— Nada sai daqui — disse a Ada. Mas pressenti uma ameaça na sua voz. Luyu deve tê-la sentido, também.

— Wokike.

— Copularam?

Luyu nada respondeu. Depois olhou para o pescador na parede e disse: — Sim.

Fiquei boquiaberta.

— Com que frequência?

— Muitas vezes.

— Porquê?

Luyu lançou um olhar fulgurante. — Não sei.

A Ada lançou-lhe um olhar duro. — Após esta noite, abster-te-ás até casares. Após esta noite, deverás ser mais avisada. — Avançou para Binta, que estivera a chorar o tempo todo. — Quem?

Os ombros de Binta mais se encolheram. Chorou ainda mais.

— Quem, Binta? — perguntou a Ada de novo. Depois olhou para as cinco mulheres e elas acercaram-se mais de Binta, tão perto que Luyu, Diti e eu tivemos de esticar a cabeça para vê-la. Ela era a mais pequena de nós quatro. — Aqui estás segura — disse a Ada.

As outras mulheres tocaram nos ombros, faces, pescoço de Binta e entoaram suavemente: — Estás segura, estás segura, aqui estás segura.

A Vovó Sábía pôs a mão na face de Binta. — Após esta noite, todas nesta sala ficarão ligadas — disse na sua voz seca. — Tu, Diti, Onyesonwu e Luyu proteger-se-ão umas às outras, mesmo depois do casamento. E nós, as Anciãs, proteger-vos-emos a todas. Mas a verdade é a única coisa que assegurará este elo esta noite.

— Quem? — perguntou a Ada pela terceira vez.

Binta deixou-se cair no chão e encostou a cabeça à coxa de uma das mulheres. — O meu pai.

Luyu, Diti e eu arquejámos. As outras mulheres não pareceram surpreendidas de todo.

— Houve cópula? — perguntou a Vovó Sábia, o seu rosto endurecido.

— Sim — sussurrou Binta.

Várias das mulheres praguejaram e sugaram os dentes e resmungaram em surdina, zangadas. Eu fechei os olhos e esfreguei as têmporas. A dor de Binta era como a da minha mãe.

— Com que frequência? — perguntou a Vovó Sábia.

— Muitas vezes — disse Binta, a sua voz cada vez mais forte. Então proferiu bruscamente, — E-e-eu quero matá-lo. — Depois tapou a boca com as mãos. — Peço desculpa! — disse, as palavras abafadas pelas mãos.

A Vovó Sábia removeu as mãos de Binta. — Aqui estás segura — disse. Parecia desgostada e abanou a cabeça. — Agora podemos finalmente fazer algo a esse respeito.

De facto, este grupo de mulheres sabia do comportamento do pai de Binta desde há algum tempo. Eram impotentes para intervir até que Binta passasse pelo seu Décimo Primeiro Rito.

Binta abanou vigorosamente a cabeça. — Não. Levá-lo-ão daqui e...

As mulheres silvaram e sugaram os dentes. — Não te apoquentes — disse a Vovó Sábia. — Proteger-te-emos e à tua felicidade.

— A minha mãe não vai...

— Chiu — disse a Vovó Sábia. — Podes ser uma criança ainda mas após esta noite serás uma adulta também. As tuas palavras importarão finalmente.

A Ada e a Vovó Sábia mal lançaram um olhar na minha direção. Para mim não havia perguntas.

— Hoje — disse a Ada para nós todas — tornar-se-ão crianças e adultas. Serão impotentes e poderosas. Serão ignoradas e escutadas. Aceitam?

— Sim — dissemos todas.

— Não deverão gritar — disse a Ada.

— Não deverão espernear — disse a costureira.

— Deverão sangrar — disse a arquiteta.

— Ani é grande — disse a minha tia-avó.

— Já deram o primeiro passo para a idade adulta deixando as vossas casas e fazendo-se ao perigo da noite sozinhas — disse a Ada. — Cada uma receberá um pequeno saco de ervas, gaze, iodo e sais corporais. Regressarão a casa sozinhas. Daqui a três noites deverão tomar um longo banho.

Disseram-nos que removêssemos as roupas e estenderam-nos pedaços de pano vermelho para nos envolvermos. Os nossos *tops* seriam levados para as traseiras e queimados. A cada uma seriam dados uma blusa branca nova e véu, os símbolos da nossa condição de adultas. Deveríamos levar vestidas as nossas rapas para casa; elas eram símbolos da nossa condição de crianças.

Binta foi a primeira, o seu rito o mais urgente de todos. Depois Luyu, Diti, e a seguir eu. Um pano vermelho foi estendido no chão. Binta desatou a chorar novamente quando se deitou nele, com a cabeça na almofada vermelha. As luzes estavam ligadas, o que tornava o que se ia passar muito mais assustador. *O que estou eu a fazer?*, pensei, observando Binta. *Isto é uma loucura! Não tenho de fazê-lo! Simplesmente deveria sair porta fora, correr para casa, enfiar-me na cama e fazer de conta que nada disto aconteceu.* Dei um passo na direção da porta. Sabia que não estaria trancada. O rito era escolha de cada uma. Só no passado é que as raparigas eram forçadas a fazê-lo. Dei mais um passo. Ninguém estava a olhar. Todos os olhos estavam em Binta.

A sala estava quente e lá fora era como outra noite qualquer. Os meus pais estavam a dormir, como se fosse outra noite qualquer. Mas Binta estava deitada num pano vermelho, de pernas afastadas pela curandeira e a arquiteta. A Ada desinfetou o bisturi e depois aqueceu-o sobre a chama. Deixou-o arrefecer. Os curandeiros usam em geral facas *laser* para a cirurgia. Elas tornam os cortes mais limpos e podem instantaneamente cauterizar quando necessário. Perguntei-me fugazmente porque usaria a Ada um primitivo bisturi em vez disso.

— Sustém o fôlego — disse a Ada. — Não grites.

Antes que Binta pudesse acabar de suster o fôlego, a Ada encostou-lhe o bisturi. Foi direita a um pequeno pedaço protuberante de carne rosada junto ao cimo do *yeye* de Binta. Quando o bisturi o retalhou, esguichou sangue. Senti uma guinada no estômago. Binta não gritou mas mordeu o lábio com tanta força que lhe gotejou sangue do canto da boca. O seu corpo foi sacudido mas as mulheres sustiveram-na.

A curandeira estancou a ferida com gelo embrulhado em gaze. Por uns momentos todas se quedaram petrificadas, exceto Binta, que respirava pesadamente. Então uma das outras mulheres ajudou-a a pôr-se em pé e passar para o outro lado da sala. Binta sentou-se, de pernas afastadas, sustendo a gaze no lugar, com uma expressão aturdida no rosto. Era a vez de Luyu.

— Não posso fazer isto — começou Luyu a balbuciar. — Não posso fazer isto! — No entanto, deixou-se suster pela curandeira e pela arquiteta. A costureira e a minha tia-avó estenderam os braços por precaução quando a Ada tirou outro bisturi e o desinfetou. Luyu não gritou mas soltou um agudo *piado*. As lágrimas gotejaram-lhe dos olhos enquanto se debatia com a dor. Era a vez de Diti.

Diti deitou-se vagarosamente e inspirou fundo. Depois disse algo tão baixinho que não ouvi. No minuto em que a Ada levou o bisturi ainda por usar à sua carne, Diti deu um pulo, o sangue escorrendo-lhe pelas coxas. O seu rosto era uma máscara de terror, enquanto tentava escapar-se sem palavras. As mulheres deviam ter visto esta reação com frequência pois, sem uma palavra, agarraram-na e rapidamente a sustiveram. A Ada terminou o corte, lesto e limpo.

Era a minha vez. Mal conseguia manter os olhos abertos. A dor das outras raparigas enxameava à minha volta quais vespas e moscas agressivas. Arranhando-me como espinhos de gato.

— Vem, Onyesonwu — disse a Ada.

Eu era um animal encurralado. Não encurralado pelas mulheres, pela casa ou pela tradição. Eu estava encurralada pela vida. Como se tivesse sido um espírito livre durante milénios até que um dia algo me abocanhara, algo irado e violento e vingativo, e eu tivesse sido puxada para o corpo em que agora residia. Presa à sua mercê, segundo as suas regras. Então pensei na minha mãe. Ela mantivera a sanidade por mim. Vivera por mim. Eu podia fazer isto por ela.

Deitei-me no pano tentando ignorar os olhos das outras três raparigas que fitavam o meu corpo de *Ewu*. Estava capaz de as esbofetear a todas. Não merecia sofrer aqueles olhares escrutinadores durante tão horripilante momento. A curandeira e a arquiteta agarraram-me as pernas. A costureira e a minha tia-avó seguraram-me os braços. A Ada pegou no bisturi.

— Mantém-te calma — sussurrou-me a Vovó Sábia ao ouvido.

Senti a Ada apartar os lábios do meu *yeye*. — Sustém o fôlego — disse ela. — Não grites.

Enquanto eu inspirava, ela cortou. A dor foi uma explosão. Senti-a em cada parte do corpo e quase apaguei. Depois já estava a gritar. Não me sabia capaz de tanto barulho. Indistintamente, senti as outras mulheres susterem-me. Fiquei chocada que não tivessem largado tudo e fugido. Ainda estava a gritar quando me apercebi de que tudo desaparecera. De que eu estava num lugar pervinga e amarelo e sobretudo verde.

Teria arquejado de terror se tivesse boca para arquejar. Teria gritado ainda mais, esbracejado, arranhado, cuspidor. Tudo o que podia pensar era que morreria... mais uma vez. Quando permaneci como estava, acalmei. Olhei para mim mesma. Eu era apenas uma névoa azul, como o nevoeiro que perdura após uma rápida e forte chuvada. À minha volta podia agora ver outros. Alguns eram vermelhos, alguns verdes, alguns dourados. As coisas focaram-se e consegui ver a sala, também. As raparigas e mulheres. Cada uma tinha a sua própria névoa de cor. Não queria olhar para o meu corpo ali deitado.

Então dei por ele. Vermelho e de forma oval com um oval branco no centro, como o olho gigante de um demónio. Chiava e silvava, a parte branca expandindo, aproximando-se mais. Horrorizou-me até ao mais profundo do meu âmago. *Tenho de sair daqui!*, pensei. *Já! Ele vê-me!* Mas não sabia como me mover. Mover-me com quê? Não tinha corpo. O vermelho era amargo veneno. O branco era como o pior calor do sol. Desatei a gritar e a chorar de novo. Depois já estava a abrir os olhos para um copo de água. Os rostos de todas abriram-se num sorriso.

— Oh, louvai Ani — disse a Ada.

Senti dor e pulei, pronta a levantar-me e fugir. Tinha de fugir. Daquele olho. Estava tão baralhada que, por um momento, tive a certeza de que o que acabara de ver estava a provocar a dor.

— Não te mexas — disse a curandeira. Estava a aplicar um pedaço de gelo envolvido em gaze entre as minhas pernas e eu não estava certa do que mais doía, a dor do golpe ou o frio do gelo. Os meus olhos dardejaram em torno da sala, procurando. Quando a gaze caía nalguma coisa vermelha ou branca o meu coração dava um ligeiro salto e as minhas mãos retorciam-se.

Após alguns minutos, comecei a relaxar. Disse a mim própria que era tudo um pesadelo induzido pela dor. Descaiu-me a boca. O ar secou-me o lábio inferior. Eu era agora *ana m-bobi*. Não mais vergonha recairia sobre os meus pais. Não porque eu tivesse onze anos e fosse incircuncidada, pelo menos. O meu alívio durou sensivelmente um minuto. Não fora um pesadelo de todo. Soube-o. E embora não soubesse exatamente o quê, soube que algo terrivelmente mau acabara de acontecer.

— Quando ela te cortou, tu simplesmente adormeceste — disse Luyu, deitada de costas. Estava a olhar para mim mostrando grande respeito. Franzi o cenho.

— Pois, e ficaste toda transparente! — apressou-se Diti a dizer. Parecia ter recuperado do seu próprio choque.

— O-o quê? — perguntei.

— Chiu — silvou Luyu, zangada, para Diti.

— Ficou! — sussurrou Diti.

Eu queria raspar o chão com as unhas. *O que foi tudo isto?*, perguntei-me. Sentia o cheiro do *stress* na minha pele. E constatei que sentia esse outro cheiro, também. Aquele que pela primeira vez sentira durante o incidente da árvore.

— Ela deveria falar com Aro — disse a Ada à Vovó Sábia.

A Vovó Sábia apenas soltou um grunhido, franzindo o cenho para ela. A Ada desviou os olhos com medo.

— Quem é esse? — perguntei.

Ninguém respondeu. Nenhuma das outras mulheres olhou para mim.

— Quem é «R O»? — perguntei, virando-me para Diti, Luyu e Binta.

As três encolheram os ombros. — Não sei — disse Luyu.

Como nenhuma das mulheres falasse deste R O, descartei as suas palavras. Tinha outras coisas com que me preocupar. Como aquele lugar de luz e cores. Como o olho oval. Como o sangramento e ardor entre as minhas pernas. Como contar aos meus pais o que fizera.

Ali jazemos as quatro lado a lado com dores por meia hora. A cada uma de nós foi dada uma corrente de cintura feita de fino e delicado ouro que usaríamos para sempre. As anciãs ergueram as blusas sobre as saias acima do ventre para mostrar as delas. — Foram abençoadas no sétimo dos Sete Rios — disse a Ada. — Viverão longamente após a nossa morte.

A cada uma de nós foi igualmente dada uma pedra para colocarmos sob a língua. Chamava-se *talembe etanou*. A minha mãe aprovava esta tradição, embora o seu propósito há muito tivesse sido esquecido. A dela era uma pedra cor de laranja muito pequena e lisa. As pedras variam com cada grupo Okeke. As nossas pedras eram diamantes, uma pedra de que eu nunca ouvira falar. Pareciam pedaços ovais lisos de gelo. Sustive a minha facilmente sob a língua. Só devíamos tirá-la para comer ou dormir. E tínhamos de ter cuidado a princípio para não a engolirmos. Fazê-lo era má sorte. Perguntei-me fugazmente como é que a minha mãe não engolira a dela quando eu fora concebida.

— Com o tempo a vossa boca fará amizade com ela — disse a Vovó Sábia.

Nós quatro vestimo-nos, pondo roupa de baixo com gaze comprimida contra a carne e envolvendo a cabeça com os véus brancos. Saímos juntas.

— Portámo-nos bem — disse Binta, enquanto caminhávamos. Arrastava um bocadinho as palavras, devido ao seu lábio estropiado e inchado. Movíamo-nos lentamente, cada passo causa de dor.

— Sim. Nenhuma de nós gritou — disse Luyu. Franzi o cenho. Eu certamente gritara. — A minha mãe disse que, no grupo dela, cinco das oito raparigas gritaram.

— Onyesonwu achou tão bom que adormeceu — disse Diti sorrindo.

— E-eu achei que tinha gritado — disse eu. Esfreguei a testa.

— Não, desmaiaste logo feita morta — disse Diti. — Depois...

— Cala-te, Diti. Não falamos dessas coisas! — sibilou Luyu.

Ficámos em silêncio por um momento, a nossa caminhada para a estrada abrandando mais ainda. Uma coruja piou nas redondezas e um homem montado num camelo passou trotando por nós.

— Jamais contaremos, certo? — disse Luyu, olhando para Binta e Diti. Ambas assentiram. Virou-se para mim com olhos interessados. — Então... o que aconteceu?

Eu não conhecia realmente nenhuma delas. Mas sabia que Diti gostava de mexericos. Luyu também, embora tentasse aparentar o contrário. Binta era silenciosa mas interrogava-me a seu respeito. Não confiava nelas. — Foi como se adormecesse — menti. — O que... o que foi que vocês viram?

— Tu adormeceste *mesmo* — disse Luyu.

— Parecias de vidro — disse Diti com os olhos arregalados. — Eu vi através de ti.

— Aconteceu apenas durante alguns segundos. Todas ficaram chocadas mas não te largaram — disse Binta. Tocou no lábio e encolheu-se.

Eu puxei o véu mais sobre o rosto.

— Alguém te amaldiçoou? — perguntou Luyu. — Talvez por seres...

— Não sei — apressei-me a dizer.

Seguimos os nossos caminhos separados quando chegámos à estrada. Esgueirar-me para o meu quarto até foi fácil. Ao deitar-me na cama, não conseguia afugentar a sensação de que alguma coisa me observava ainda.

Na manhã seguinte, afastei as cobertas das pernas e descobri que sangrara através da gaze para a cama. Começara a ter os meus ciclos há um ano, pelo que a visão não me incomodou grande coisa. Mas a perda de sangue deixou-me de cabeça tonta. Envolvi-me na rapa e fui vagarosamente até à cozinha. Os meus pais estavam a rir de alguma coisa que o Papá dissera.

— Bom-dia, Onyesonwu — disse o Papá, ainda na risota.

O sorriso da minha mãe desapareceu de imediato quando viu a minha cara. — O que se passa? — perguntou na sua voz sussurrante.

— E-eu estou bem — disse eu, não me querendo mover de onde estava. — Só...

Senti o sangue escorrer-me pela perna. Precisava de uma gaze limpa e de chá de folha de salgueiro para a dor. *E alguma coisa para a náusea*, pensei mesmo antes de vomitar o chão todo. Os meus pais acudiram e ajudaram-me a sentar numa cadeira. Viram o sangue quando me sentei. A minha mãe saiu silenciosamente da cozinha. O Papá limpou o vómito dos meus lábios com a mão. A minha mãe regressou com uma toalha.

— Onyesonwu, não é o teu ciclo? — perguntou, limpando-me a perna. Detive-lhe a mão quando chegou à parte de cima da minha coxa.

— Não, Mamã — disse, olhando-a nos olhos. — Não é isso.

O Papá franziu o cenho. A minha mãe estava a olhar intensamente para mim. Preparei-me. Ela pôs-se lentamente de pé. Não ousei mexer-me quando ela me esbofeteou com força na cara, a minha pedra de diamante quase me voando para fora da boca.

— Ah-ah, mulher! — exclamou o Papá, agarrando-lhe a mão. — Para com isso! A criança está a sofrer.

— Porquê? — perguntou-me ela. Depois olhou para o Papá, que ainda lhe segurava as mãos para não me bater mais. — Ela fê-lo esta noite. Deixou-se circuncidar — disse.

O Papá olhou para mim chocado, mas vi igualmente assombro. O mesmo olhar que me lançara quando me vira empoleirada naquela árvore.

— Fi-lo por ti, Mamã! — berrei.

Ela tentou libertar as mãos do Papá para me poder dar outra bofetada. — Não me culpes! Rapariga estúpida e idiota! — disse, não conseguindo desembaraçar as mãos dele.

— Eu não estou a culpar... — Podia sentir o sangue correr de mim, mais depressa agora. — Mamã, Papá, eu trago-vos vergonha — disse, desatando a chorar. — A minha existência é vergonha! Mamã, eu sou dor para ti... desde o dia em que fui concebida.

— Não, não — disse a minha mãe, abanando vigorosamente a cabeça. — *Não* foi isso que eu te contei. — Olhou para o Papá. — Vês, Fadil! Vês porque não lhe contei durante este tempo todo?

O Papá ainda lhe sustinha as mãos, mas agora parecia fazê-lo para se conter.

— Todas as raparigas daqui o fizeram — disse eu. — Papá, o Papá é um ferreiro muito estimado. Mamã, és a sua mulher. Têm ambos respeito. Eu sou *Ewu*. — Fiz uma pausa. — Não o fazer acarretaria mais vergonha.

— Onyesonwu — disse o Papá. — *Não me ralo* com o que as pessoas pensam. Não o aprendeste ainda? Hein? Deverias ter vindo ter connosco. Insegurança não é razão para fazê-lo!

Doía-me o coração mas continuava a acreditar que fizera a escolha certa. Ele bem me podia ter aceitado e à minha mãe pelo que éramos, mas não vivíamos num vazio.

— Na minha aldeia, não se esperava que mulher *nenhuma* fosse cortada assim — sibilou a minha mãe. — Que espécie de bárbaro... — Virou-me costas. Já estava feito. Bateu palmas e disse: — A minha própria filha! — Esfregou a testa como se fazê-lo lhe alisasse o cenho franzido. Pegou-me no braço. — Levanta-te.

Não fui à escola nesse dia. Em vez disso a minha mãe ajudou-me a lavar e tratou-me a ferida com gaze limpa. Fez-me um chá para aliviar as dores com folhas de salgueiro e polpa de cato doce. Durante todo o dia fiquei na cama, a ler. A minha mãe tirou o dia para se sentar junto de mim, o que me deixou um bocadinho desconfortável. Não queria que ela visse o que eu estava a ler. No dia seguinte à minha mãe me ter contado a história da minha conceção, eu fora à casa do livro. Surpreendentemente, encontrei o que procurava, um livro na língua *nuru*, a língua do meu pai biológico. Estava a aprender o básico. Isto teria enfurecido seriamente a minha mãe. De maneira que estando ela sentada junto à minha cama, escondi o livro dentro de outro livro enquanto o lia.

Durante todo o dia, ali ficou naquela cadeira, imóvel, apenas se levantando para breves refeições ou para se aliviar. Uma vez, foi à horta para Manter Conversação com Ani. Perguntei-me o que diria ela à Toda-Poderosa e Omnisciente Deusa. Depois de tudo o que lhe acontecera, perguntei-me que espécie de relação poderia a minha mãe ter de todo com Ani.

Quando a minha mãe regressou, enquanto eu lia o meu livro na língua *nuru* e rolava a minha pedra na boca, perguntei-me em que pensaria ela ali sentada de olhos fitos na parede.